



## PRÁTICAS DE LITERATURA POR MEIO DO CONTO INFANTIL BOLIVIANO A KANTUTA TRICOLOR

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

Mariana Vaca Conde

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

**Resumo:** Este texto relata uma experiência de intervenção literária que teve por objeto de estudo práticas de literatura infantil em uma escola municipal na fronteira Brasil-Bolívia. Trata-se de uma vivência literária com crianças entre 8 e 10 anos que se objetivou através da literatura infantil boliviana, estimular a criatividade, indagações, fantasias, realidade no sentir-se fronteiriço, enfatizando a perspectiva humanizadora da literatura. Para contextualizar essas práticas literárias dentro desse espaço fronteiriço, adotamos como corpus a obra literária “A Kantuta tricolor e outras histórias da Bolívia”, de Suzana Ventura, visando a aproximar a criança do texto ficcional mostrando um modo de ver as diferenças culturais que as desafiam e as fazem pensar. A perspectiva metodológica foi a sócio histórica, baseada nos princípios de Vygotsky. A intervenção envolveu a aplicação de roteiros de leitura, elaborados com ênfase em sua dimensão lúdica, dialógica e interacionista, visando a promoção do letramento literário, considerando que a criança é espontânea e expressa seus pensamentos e sentimentos de forma lúdica. A literatura aborda esses aspectos, aproximando-se do imaginário e do cotidiano infantil, possibilitando assim, a identificação da criança com a literatura e construção de identidades. A educação no contexto de fronteira é marcada, sobretudo, por desafios, caracterizados por escolas que vivem geograficamente próximas da fronteira, mas pedagogicamente distante. Caminhando nesse elo: fronteira e literatura infantil que se procurou, nesta intervenção pensar a escola como um espaço de práticas de alteridade com função integradora que lhe é fundante quanto à constituição identitárias de crianças. Com essa vivência literária oportunizamos reflexões sobre a identidade cultural, o que permitiu despertar o senso crítico das crianças colaborando assim na reorganização das percepções de um mundo mais plural.

**Palavras-chave:** Literatura infantil boliviana; Práticas de leitura; fronteira.

### Introdução

A leitura de literatura infantil é imprescindível na formação da criança. Ela traduz suas vivências, suas realidades e sua cultura. Compreender esses aspectos dentro do espaço escolar são oportunidades de repensar e ampliar constantemente as visões de mundo, modos de pensar e relacionar problemáticas vivenciadas pelos próprios personagens das histórias ampliando suas conexões pessoais com outros tipos de cultura.



Este trabalho é o resultado de um processo reflexivo sobre a literatura infantil e juvenil em uma escola situada na região de fronteira no município de Corumbá.

Conforme exposto, este relato tem como cenário discussões acerca da literatura como aproximação de culturas em uma área de fronteira com o objetivo de estimular a criatividade, indagações, fantasias, realidade no sentir-se fronteiriço, enfatizando a perspectiva humanizadora da literatura, a partir das experiências literárias com crianças entre 8 e 10 anos na Escola Municipal Rural de Educação Integral “Eutrópia Gomes Pedroso”, situada no Assentamento Tamarineiro I na região do Jacadigo, a 15 km do perímetro urbano em Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia.

Para a realização deste relato, a observação participante, ocorreu em dois momentos, organizados em função dos seguintes eixos: a) acesso ao livro e leitura livre do acervo literário boliviano e brasileiro; b) acesso ao texto literário (livro) via mediação do professor. Nessa perspectiva, optamos pelas estratégias de favorecer o acesso ao acervo literário para melhor compreensão dos modos/formas expressas pelas crianças sobre as obras, pelo fato dos textos literários estarem na língua espanhola. Sendo estes sujeitos crianças, assumi o pressuposto de dar-lhes vez e voz, focalizando suas ações e falas mediante ao contato com as obras.

Para encontrarmos as respostas propostas inicialmente no planejamento da vivência, centramo-nos na escola como um local de formação do indivíduo leitor, visto ser um espaço privilegiado de acesso à leitura, para alguns o único espaço.

Para fundamentar as análises desse relato utilizamos o aporte teórico de autores que promovem discussões sobre a Literatura, Letramento literário e Leitura (CÂNDIDO, COLOMER, COSSON, COELHO, ZILBERMAN, SOARES, LAJOLO, PETIT, entre outros,) de modo a refletir sobre os conceitos e aspectos gerados na realização desta pesquisa.

### **Vivência Literária: A Kantuta Tricolor**

Instigar o prazer pela leitura em nossas crianças da Rede Municipal de Ensino de Corumbá tem se tornado um grande desafio e uma motivação para uma aprendizagem significativa e prazerosa, a partir de práticas pedagógicas lúdicas e literárias buscamos realizar



esta vivência, pensando nas perspectivas do letramento literário como forma de garantir o domínio e uso de textos literários na escola a fim de formar maior número de leitores, o qual tem a função de difusão da literatura como direito, como de vital importância para a formação escolar (COSSON, 2006, p.17).

A vivência proposta foi planejada procurando validar o livro como um precioso instrumento no meio escolar, permitindo ao aluno leitor, perceber o seu potencial quanto ao imaginário, a originalidade e aos aspectos físicos contidos em cada obra, como também poder abrir janelas” e se sentir atraído pelo detalhe de narrativa ou ilustração que o encanto na sua própria descoberta.

A escolha do local da vivência, foi pensada enquanto fronteira, onde a vida é tecida por relações, e o fortalecimento dessas, deve ser compreendido como uma necessidade no cotidiano. Corumbá tem o viver da cidade fronteiriça, com as multiplicidades dos sentidos de pertença, nesta perspectiva que a literatura é de grande importância para compreensão da realidade social, pois nela estão as verdades de uma mesma condição humana, o que possibilita ao homem, ao ver seus costumes retratados, uma reavaliação da postura que assume.

Nas palavras de Lajolo (2003) [...] no Brasil vive gente do mundo inteiro. É essa pluralidade cultural que o poeta Mário de Andrade quis louvar no verso: é muitas pessoas, trezentas, trezentas e cinquenta, a riqueza dos nós e os outros. (LAJOLO,2003, p.7-8)

Nesta perspectiva, caminhando nesse elo: fronteira, leitura e construção da identidade, que se procurou, nesta intervenção, conceituar essas temáticas de maneira interligada, pontuando questões empíricas com o conto boliviano “A kantuta tricolor” de Susana Ventura, conto que apresenta um mundo novo à espera do leitor pois são fábulas refinadas, contos de pura magia, histórias de amor, mostrando um modo de ver o mundo e a vida que desafia e faz pensar. No livro, a Bolívia se revela em doze diferentes faces, para serem vistas e interpretadas, por crianças fronteiriças país tão próximo do nosso, mas ao mesmo tempo tão distante.

Para a realização deste relato utilizamos a observação participante, assim denominada por André (2000, p. 28) que diz: “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. A observação participante ocorreu em dois momentos, organizados em função dos seguintes eixos: a) acesso ao livro e leitura livre do acervo literário boliviano; b) acesso ao texto literário



(livro) via mediação do pesquisador. Nessa perspectiva, optamos pelas estratégias de favorecer o acesso ao acervo literário para melhor compreensão dos modos/formas expressas pelas crianças sobre as obras, pelo fato dos textos literários estarem na língua espanhola.

Sendo estes sujeitos crianças, assumimos o pressuposto de dar-lhes vez e voz, focalizando suas ações e falas mediante ao contato com as obras. Destacamos que o segundo momento da observação participante foi mais dirigida, uma vez a mediação foi iniciada desde a escolha dos títulos que foram lidos em “Sessões de leitura”. Durante a vivência, o desafio foi fazer o diálogo entre a observação e a interação das crianças com as obras literárias bolivianas, uma vez que, além de observar as atitudes de leitura das crianças, também se indagava a respeito dos “porquês” na perspectiva de que explicassem escolhas de títulos, modos de ler, inferências feitas, colocando em evidência o lugar da criança lendo, interagindo com o livro, a leitura, os seus pares e o adulto. "As experiências de leitura compartilhada [...] podem facilitar a apropriação dos textos, desde que eles não sejam percebidos como algo imposto." (PETIT, 2009).

Participaram dessa atividade 30 crianças entre 8 a 10 anos matriculados do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental dentre a esse número de alunos, 23 são migrantes pendulares, residentes na Bolívia. A Escola Municipal Rural de Educação Integral “Eutrópia Gomes Pedroso, carrega duas particularidades: ser escola rural e abrigar um número significativo de alunos residentes no país vizinho. Primeiramente, cabe esclarecer que o aluno boliviano só pode estudar no Brasil com a permissão da Polícia Federal, que expedirá um documento para tal, Constituição Federal Brasileira, lei n. 6.815, 19 de agosto de 1980 (BRASIL, 1998). Assim, muitos alunos chamados bolivianos, na verdade, pelo documento, são brasileiros residentes na Bolívia, chamados também como imigrantes na condição de pendulares como aqueles que habitam em região de fronteira, morando na Bolívia e estudando no Brasil, e retornando aos seus lares, dando a esse movimento, conotação de cotidiano.

Com a proposta de inserir a literatura infantil boliviana no contexto escolar das crianças dessa escola de fronteira, o acervo literário composto por diversas obras literárias bolivianas infantis nacionais e estrangeiras, foram colocados em cima de uma mesa, estratégia pensada para que as crianças tivessem vontade de ir a escolha de um livro. As obras por estarem na língua espanhola foram motivos de olhares, seguidos de manuseio para ver as figuras e invenção



de histórias, sempre iniciadas pela expressão “era uma vez”. Outras iniciativas foram observadas, indo do simples folhear, ao partilhar palpites; risos provocados pelas imagens, lembranças por já conhecer a história.

São muitas as habilidades envolvidas para que se possa ler, compreender e interpretar um texto e relacioná-lo com o mundo cultural. Uma delas tem a ver com rapidez e fluência: quem lê de forma muito lenta não consegue entender o que o texto diz. Outra é saber relacionar as informações que aparecem na obra. Também é preciso ensinar as crianças a se movimentar no mundo da cultura e da língua literária. Isso implica saber como funcionam as bibliotecas - incluindo o que fazer para encontrar uma obra nas estantes -, que os livros são vendidos nas livrarias, que existem títulos traduzidos e que faz diferença saber quem traduziu, pois o texto lido pode não ser fiel à obra original. (COLOMER, 2007).

Ler é criar consciência do que somos, é examinar o mundo em que vivemos para transformá-lo no mundo em que gostaríamos de viver. Zilberman (1990, p. 19) assegura que “o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências”.

Logo após as sessões de leitura, as crianças foram convidadas a conversar sobre, sem fins didático-pedagógica, considerando que a leitura tem valor em si mesma, e não necessita desenvolver atividades maçantes e repetitivas depois de cada leitura, é muito bom ler apenas pelo prazer de ler e compartilhar, quando se quer, com os colegas as emoções da leitura. E algumas crianças decidiram ampliar esse prazer do conhecimento da história da bandeira da Bolívia através de desenhos:

**Figura1-** Desenho produzido por crianças em uma escola brasileira na fronteira Brasil-Bolívia.



Fonte: autoras, 2023.



Figura 2- Desenho produzido por crianças em uma escola brasileira na fronteira Brasil-Bolívia



Fonte: Autoras, 2023.

Figura 3- Desenho produzido por crianças em uma escola brasileira na fronteira Brasil-Bolívia



Fonte: Autoras, 2023.

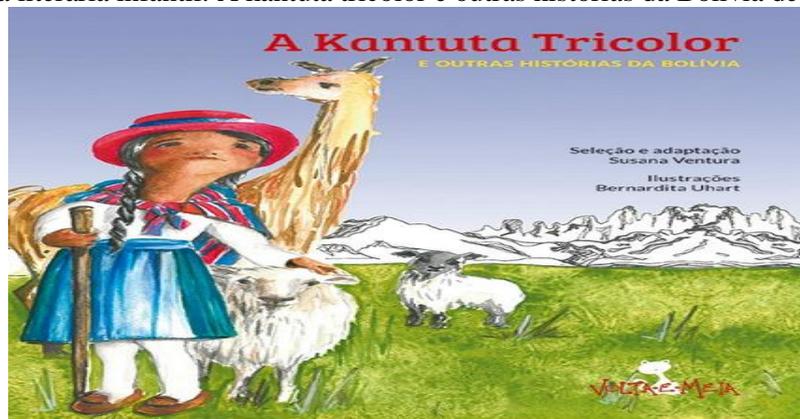


**Figura 4-** Desenho produzido por crianças fronteiriças de uma escola brasileira



Fonte: Autoras, 2023.

**Figura 5-** Obra literária infantil: A kantuta tricolor e outras histórias da Bolívia de Susana Ventura



Fonte: Autoras, 2023.

Os desenhos retratados acima trazem em seu conteúdo a expressão do pensar e do sentir dessas crianças fronteiriças, percebe-se a utilização das cores da bandeira da Bolívia, presente em quase todos os desenhos, a escrita do nome do livro em espanhol, bem como algumas idades retratadas na língua espanhola “9 años”. O desenho como uma expressão livre, permite à criança retratar as diferentes dimensões, suas experiências pessoais em busca da sua própria identidade.

Desenhando, a criança pode apresentar de que forma vê o mundo, nas palavras de



Adriana Friedmann (2020, p. 90) “[...]devemos deixar as crianças criarem suas próprias histórias, escrevê-las, desenhá-las, representá-las, brincá-las [...]].

A atividade da leitura pode ser uma fonte de prazer e enriquecimento a criança leitora, um desafio onde vivencia momentos de análise interna e de compreensão do que se lê e observa, pois no momento em que a criança interage de maneira compartilhada com o livro, está compreende o prazer literário, como o próprio viver em comunidade, onde experiências são vivenciadas de maneira conjunta e criativa.

Como pensa a Abramovich (1995) quando explicita que a interação na leitura da literatura infantil surge como uma ferramenta que pode proporcionar uma vontade pessoal na criança de se tornar um leitor, que ressaltamos a importância de propiciar essa prática educativa com as crianças no ambiente escolar instigando-as ao desenvolvimento de suas potencialidades com textos.

Quando uma criança é submetida a uma situação de leitura literária, ela apreende e incorpora vivências e sensações até então despercebidas ou mesmo desconhecidas, Zilberman (2012, p.47), assinala que o tipo de relação construída entre o texto e o leitor só implica uma aprendizagem significativa se o texto for aceito como alteridade no qual o leitor dialoga com os personagens e se coloca no lugar do outro, a ponto de vivenciar um encantamento e identificar-se com a história.

Expor livros e deixar a criança manusear é uma experiência que Zilberman (2012), coloca como uma competência literária, pois a criança apropria-se do texto como em uma forma ritualizada:

[...] ele apalpa a obra, sentindo-se de modo tátil e explicitando a natureza carnal do livro. Depois, procura as figuras, detendo-se nas imagens visuais, para só mergulhar nas letras, que os conduzem a universos fantásticos, distantes no tempo, no espaço, nas ideias, mas próximo dele, dada a materialidade do livro, para onde o leitor, apaixonado, sempre retorna. (ZILBERMAN, 2012, p. 47)

A finalidade da formação literária é de formar leitores competentes. A discussão é como a escola deve ensinar literatura para que não só aprendam, mas leiam também. A finalidade da educação literária é formar pessoas que avaliem, através da literatura, como as gerações anteriores e contemporâneas abordavam as atividades humanas através da linguagem e suas



relações com ela. No confronto com outras literaturas propiciar ao aluno o enfrentamento com diversidade social e cultural, (COLOMER, 2007), nesse pensamento de Colomer que certificamos a importância dessa vivência para as crianças, pois contribuiu em aguçá-lo o interesse e alegria por ler um conto boliviano, levando-o a formação de opiniões e criticidade enquanto leitores.

### Algumas considerações

A Leitura, como prática sociocultural, deve estar inserida em um conjunto de ações sociais e culturais e não exclusivamente escolarizadas, entendida como prática restrita ao ambiente escolar, por isso há que se incentivar uma política de formação de leitores nas escolas.

Sabendo que a maioria dessas crianças não tem na família a prática leitora, cabe à escola pensar em fazer da leitura um hábito na vida das crianças, auxiliando-as a descobrir nas páginas de um livro muita diversão, cultura, imaginação e, acima de tudo, um novo jeito de ver o mundo. O professor deverá ter o cuidado de fazer dessa experiência de leitura algo realmente prazeroso e lúdico.

Para essa mudança ocorrer, o ponto de partida é um professor-leitor, com amplo conhecimento do acervo de literatura infantil, apto a dedicar um espaço para a vivência da literatura em suas aulas, cuidando para não destruir o prazer que essa leitura possa trazer as crianças, evitando atividades repetitivas, deslocada do texto, ou contraindicada para a idade proposta.

### Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**: Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda educação, 2020.



LAJOLO, Marisa (Org.). **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel, da. (Org.). **Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto**. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Intersaberes, 2012.